

de Pedro da Maia, em que ela costumava montar. Animal soberbo! Mas nem mencionei o marido, falei só do cavalo. Pois senhores, bate com o leque em cima da mesa, grita como uma bicha: — *Dites donc, mon cher, vous m'embêtez avec ces histoires de l'autre monde!*... Com efeito, bem o podia dizer, eram histórias do outro mundo! Para encurtar: estou convencido que, nos últimos tempos, ela mesmo julgava que Pedro da Maia nunca existira. Uma insensata! Por fim até bebia... Mas acabou-se! Tinha grande coração, e portou-se muito bem com a Clemence. *Parce sepultis!*

— É horrível — murmurou outra vez o Ega, tirando o chapéu, correndo a mão trémula pela testa.

E agora o seu único desejo era a acumulação incessante de provas, de detalhes. Falou então desses papéis, desse cofre da Monforte. O Sr. Guimarães não sabia o que eles continham; e não se admiraria se fossem apenas contas de modista, ou pedaços velhos do *Figaro*, em que se falava dela...

— É uma caixita pequena que a Monforte me deu, na véspera de partir para Londres com a filha. Era no tempo da guerra... Já a Maria vivia com o irlandês, tinha mesmo uma pequena; a Rosa. Depois veio a Comuna, todos aqueles desastres. Quando a Monforte voltou de Londres, eu estava em Marselha. Foi então que a pobre Maria se meteu com o Castro Gomes, creio que para não morrer de fome... Eu recolhi a Paris, mas não vi mais a Monforte, que já estava muito doente... À Maria, colada então a essa besta do Castro Gomes, um pedante, um *rastaquouère* mesmo a calhar para a guilhotina, não tornei também a falar. Se a encontrava era um cumprimento de longe, como noutro dia, quando a vi na carruagem com Vossa Excelência e com o irmão... De sorte que fui ficando com os papéis. Nem, a falar a verdade, com estas coisas todas de política, me lembrei mais deles. E agora aí estão, às ordens da família.

— Se isso não fosse incómodo para Vossa Excelência — acudiu Ega — eu passava agora pelo seu hotel e levava-os logo comigo...

— Incómodo nenhum! Estamos em caminho, é negócio que fica feito!

Algum tempo seguiram calados. O sarau decerto acabara. Um bater de carruagens atroava as descidas no Chiado. Junto deles passaram duas senhoras, com um rapaz que bracejava, falando alto do Alencar. O Sr. Guimarães tirara lentamente do bolso a charuteira:

depois, parando, para raspar um fósforo:

— Então a D. Maria passa simplesmente por parenta?... E como soube ela? Como foi isso?

Ega, que caminhava com a cabeça caída, estremeceu como se acordasse. E começou a tartamudear uma história confusa, de que ele mesmo corava na sombra. Sim, Maria Eduarda passava por parenta. Fora o procurador que descobrira. Ela rompera com o Castro Gomes, com todo o passado. Os Maias davam-lhe uma mesada; e vivia nos Olivais, muito retirada, como filha de um Maia que morrera na Itália. Todos gostavam muito dela, Afonso da Maia tinha grande ternura pela pequena...

E de repente indignou-se com estas invenções, por onde arrastava já o nome do nobre velho, exclamou como se abafasse:

— Enfim, nem eu sei, um horror!

— Um drama! — resumiu gravemente o Sr. Guimarães.

E como estavam no Pelourinho, rogou ao Ega que esperasse um momento, enquanto ele corria a cima buscar os papéis da Monforte.

Só, no largo, Ega ergueu as mãos ao céu, num desabafo mudo daquela angústia em que caminhava, como um sonâmbulo, desde o Loreto. E a sua única sensação, bem clara — era a indestrutível certeza da história do Guimarães, tão compacta, sem uma lacuna, sem uma falha por onde rachasse e se fizesse cair aos pedaços. O homem conhecera Maria Monforte em Lisboa, ainda mulher de Pedro da Maia, brilhando no seu cavalo alazão; encontrara-a em Paris já fugida, depois da morte do primeiro amante, vivendo com outros; andara então ao colo com Maria Eduarda, a quem se davam bonecas... E desde então não deixara mais de ver Maria Eduarda, de a seguir: em Paris; no Convento de Tours; em Fontainebleau com o irlandês; nos braços de Castro Gomes; numa tipóia de praça, enfim, com ele e com Carlos da Maia, havia dias, no Cais do Sodré! Tudo isto se encaixava, concordando com a história contada por Maria Eduarda. E de tudo ressaltava esta certeza monstruosa: — Carlos amante da irmã!

Guimarães não descia. No segundo andar surgira uma luz viva, numa janela aberta. Ega recomeçou a passear lentamente pelo meio do largo. E agora, pouco a pouco, subia nele uma incredulidade, contra esta catástrofe de dramalhão. Era acaso verosímil que tal se passasse, com um amigo seu, numa rua de Lisboa, numa casa alugada à mãe Cruges?... Não podia ser! Esses horrores só se produziam na